

ADIMENSÃO CIVILIZATÓRIA DA PRESENÇA DOS AMERICANOS¹ NO BRASIL: TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

Luiz Cândido Martins*
Luis de Souza Cardoso**

RESUMO: A partir da segunda metade do século XIX ocorreu a chegada dos missionários protestantes americanos no Brasil, bem como dos imigrantes americanos sulistas, na tentativa de reconstruir a vida após a guerra civil. O assentamento mais significativo de imigrantes americanos se deu na região do interior da província de São Paulo, entre as cidades de Santa Bárbara D'Oeste e Americana. Este estudo procura identificar a dimensão civilizatória dos imigrantes e missionários americanos no Brasil, por meio de três eixos de análise: a tecnologia, a educação e a religião protestante. As hipóteses que o texto procura comprovar são de que esses americanos passaram de uma condição de outsiders a estabelecidos, bem como produziram um processo civilizatório, dado o domínio de códigos, técnicas e instrumentos mais modernos do que os existentes na segunda metade do século XIX, na configuração do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrantes; Missionários; Americanos; Processo Civilizatório; Tecnologia; Educação; Religião Protestante.

* Teólogo graduado pelo Seminário Teológico de São Paulo; Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. E-mail: lcandido40@ig.com.br

** Teólogo graduado pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista; Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; Doutorando em Educação - Política e Gestão, pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. E-mail: luis.cardoso@cogeime.org.br

¹ Referimo-nos aos imigrantes e missionários oriundos dos Estados Unidos da América. O termo americans (americanos) é geralmente empregado na literatura para designar esses imigrantes ou missionários no Brasil.

THE CIVILIZING PROCESS DIMENSION OF THE AMERICAN PRESENCE IN BRAZIL: TECHNOLOGY, EDUCATION AND RELIGION

ABSTRACT: The arrival of the American protestant missionaries in Brazil along with American immigrants from Southern US happened from the second half of the XIX century on, in an attempt to reconstruct life after the civil war. The most significant nesting of American immigrants occurred in the province of São Paulo inlands, mainly around the cities Santa Bárbara D'Oeste and Americana. This study aims at identifying the civilization dimension of the immigrants and American missionaries in Brazil focusing the analysis in three aspects: the technology, the education and the protestant religion. The hypotheses that the text aims to prove are that these Americans had passed from the condition of outsiders to established ones, as well as they produced a civilizing process, regarding their command over codes, techniques and instruments that were more modern than those that existed in the second half of the XIX century in Brazil.

KEYWORDS: Immigrants; Missionaries; Americans; Civilization Process; Technology; Education; Protestant Religion.

INTRODUÇÃO

Seguindo o conceito de **civilização**, conforme formulado por Elias (1994, p. 23) como sendo uma “grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias e aos costumes”², procuraremos identificar o

²Elias (1994) ainda complementa o conceito afirmando que civilização “pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização”.

papel civilizatório dos imigrantes e missionários americanos que se estabeleceram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Vamos concentrar nossa observação nas perspectivas tecnológicas, educacionais e religiosas.

Do ponto de vista conceitual partimos da ideia de que a presença dos imigrantes e missionários americanos no Brasil representou um processo civilizatório. Se parece mais evidente que as contribuições desses agentes sociais são majoritariamente no campo da educação e religião protestante, haja vista a presença de instituições educacionais e religiões protestantes em diversas partes do país, não podemos, porém, ignorar a contribuição também no campo da tecnologia. Nessa direção, podemos encontrar, por exemplo, claros sinais da inserção de novas tecnologias agrícolas, sobretudo no interior do Estado de São Paulo, na segunda metade do século XIX, sobretudo na região dos atuais municípios de Americana, Santa Bárbara D'Oeste, Piracicaba, Limeira e Campinas, dentre outros.

Como já destacamos, nossa observação e análise estão amparadas nos construtos teóricos de Elias (1994) a respeito do “processo civilizador”. Estamos entendendo ser possível falar em “processo civilizador” dos imigrantes e missionários americanos no Brasil, uma vez que a presença desses grupos se revelou portadora de aspectos fundamentais que desencadearam fatos, conhecimentos e ideias que interferiram e contribuíram para um quadro civilizatório conforme iremos abordar.

Baseados na teoria do processo civilizador, entendemos que a partir do momento em que existe o domínio dos instrumentais para controle social por um determinado grupo social este domínio revela o nível de progresso de um grupo social em relação a outros. O que se percebe é que ao ter em mãos tais instrumentais logo estão estabelecidas as condições necessárias para a implementação do processo de civilizar. No caso em pauta, os instrumentais dos americanos se mostram a partir do domínio de novas tecnologias, de métodos educacionais considerados modernos e também de uma religião alternativa àquela dominante até então no país.

Assim, com as melhorias nas condições de produção, pela imple-

mentação de novas tecnologias, com a implantação de escolas baseadas em métodos pedagógicos de vanguarda para a época e, finalmente, com a possibilidade de aperfeiçoar a conduta e estabelecer valores e práticas pelo novo modelo religioso, é possível percebermos que a presença dos imigrantes e missionários americanos no Brasil propiciou meios para um processo civilizador.

Nessa direção, e em conexão com o pensamento de Elias e Scotson (2000), em sua obra intitulada “Estabelecidos e Outsiders”³, queremos pontuar ainda que tais aspectos se constituíram nos meios capazes de viabilizar o acesso ao poder e inscrição dos americanos, inicialmente “outsiders”, dentro da configuração brasileira, alterando-se em pouco tempo a sua condição para “estabelecidos”. Evidentemente que, assim como no caso analisado por Elias e Scotson (2000) nas comunidades de Winston Parva, o processo de envolvimento dos americanos com a sociedade brasileira e essa mudança de condição não ocorreram de forma linear e também não podem ser analisados fora dos aspectos das interdependências que se estabelecem no interior das configurações.

Com os próximos passos que estamos dando com nossa observação e análise, pretendemos destacar que as inovações tecnológicas trazidas pelos americanos, em especial no ambiente da lavoura, tiveram desde o seu início um significativo impacto no Brasil. Não menos significativa foi a sua influência nos campos da educação e da religião. Na educação seus administradores e professores foram largamente requisitados pelo próprio governo brasileiro e outras escolas, tendo em vista possuírem métodos considerados modernos e avançados. Da mesma forma, se destacaram as religiões protestantes de missão, originadas com os americanos e que, dentre outros aspectos, em certo sentido contribuíram para a difusão de um “modo americano de vida”.

2 A TECNOLOGIA

A partir de dois pontos de observação podemos falar da presença dos imigrantes americanos no Brasil. Primeiramente quando as igrejas

³ Acrescentamos ainda que em “Estabelecidos e Outsiders” Norbert Elias e John Scotson (2000)

protestantes norte-americanas, num projeto religioso expansionista, enviaram missionários para o mundo inteiro, inclusive para o Brasil. Esse fluxo de missionários começou a ocorrer desde as primeiras décadas do século XIX, intensificando-se, sobretudo, a partir da segunda metade do século. Em segundo lugar, a partir da emigração dos americanos sulistas que, insatisfeitos com os resultados da guerra civil, a qual haviam perdido, vislumbraram no Brasil uma alternativa para a (re)construção de uma nova realidade.

O que nos interessa tratar neste tópico se refere a essa presença dos imigrantes americanos no Brasil, oriundos do pós-guerra, bem como as contribuições tecnológicas por eles trazidas. Acerca do aspecto educacional e religioso, trataremos nos tópicos subsequentes. A pergunta que se faz aqui é a seguinte: quais as contribuições que de fato os imigrantes americanos trouxeram para o Brasil e que podem ser consideradas como significativas do ponto de vista da evolução tecnológica e econômica?

A resposta para esse questionamento está referenciada, dentre outros estudos, na significativa obra “*Americans, imigrantes do velho sul no Brasil*” (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 137-142)⁴. Conforme descritas na referida obra, as contribuições dos imigrantes americanos no campo da tecnologia no Brasil foram, por exemplo, as seguintes:

- a) os imigrantes Thomas McKnight e John Domm foram responsáveis pela introdução dos arados com pontas metálicas (arados aiveca), que já eram amplamente utilizados nos Estados Unidos e melhoravam em muito os resultados da agricultura;
- b) na área da agrimensura, trouxeram um processo simplificado para fazer a medição e demarcação das terras;
- c) no âmbito dos transportes, trouxeram os primeiros trolés ferroviários;

investigaram as relações existentes em uma comunidade denominada Wiston Parva. Neste trabalho os autores desenvolveram um modelo para pensar as relações sociais no interior de uma comunidade. No estudo em questão, no lugar de relações de classe, a relação entre estabelecidos e recém-chegados é privilegiada no sentido de capturar melhor a realidade de poder no cotidiano das pessoas, bem como as interdependências que se estabelecem no interior destas configurações.

⁴ As informações aqui mencionadas a respeito das contribuições tecnológicas dos americanos no Brasil estão registradas no capítulo cinco, a partir da página 137 a 142. Pela exiguidade de espaço para maiores reflexões sobre o conteúdo das informações contidas no referido texto, estamos apenas indicando-as sem maiores comentários.

- d) introduziram a carruagem aberta (*buckboard*), de quatro rodas com aros de aço; o meio de transporte no interior de São Paulo, naquela época, era o carro de boi; esse veículo era pesado, lento e desajeitado, movia-se sobre duas rodas de madeira fixadas a um eixo rotatório; já as carruagens americanas eram mais leves e velozes, provando sua superioridade rapidamente.
- e) Thomas McKnight também foi reconhecido por haver aperfeiçoado o processo para destilar a pinga e convertê-la em rum;
- f) implantaram as máquinas descaroçadoras de algodão e usinas têxteis.

Há ainda uma variedade de outros elementos tecnológicos apontados como difundidos pelos imigrantes: as casas construídas com tijolos, os casarões com alpendres de colunas, a chaminé de tijolos, as janelas com vidros, a lamparina de querosene, a máquina de costura, os fogões modernos, utensílios para a cozinha, camas mais confortáveis e travesseiros macios, novas alternativas de sapatos e meias, o moedor (polpador), o pão de milho (*cornbread*), além de ampliarem a utilização do telégrafo e das máquinas a vapor. No campo industrial implantaram fábricas de arados, usinas têxteis e as máquinas descaroçadoras de algodão.

Os imigrantes trouxeram também novas culturas agrícolas e elementos da flora, tais como: o algodão (espécie *upland*), as melancias “cascavel”, espécies de videiras ainda não cultivadas no Brasil e as nozeiras (nozes-pecãs). Atualmente, nas áreas em torno de Americana, Santa Bárbara D’Oeste e Piracicaba, certas evidências da flora, como as nozeiras, ainda marcam a presença dos primeiros americanos. A contribuição mais bem sucedida ao acervo das culturas agrícolas na região foi, sem dúvida, a grande melancia listrada do tipo “cascavel”, cujas primeiras sementes Joe Whitaker trouxe no próprio bolso, para o Brasil.

Conforme registro de um imigrante, em 1872 mais estrangeiros corriam para o Brasil e estabeleciam ferrovias, telégrafos, máquinas a vapor, agricultura com arados, construções de alvenaria e o protestantismo (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 137).

Dawsey, Dawsey e Dawsey (2005, p. 139) aponta ainda que em 1875 foi criada a usina têxtil Carioba, na vizinhança do assentamento de Americana. Embora os fundadores não fossem americanos, mas os brasileiros, Antonio e Augusto de Souza Queiroz contrataram o engenheiro sulista Willian P. Ralston para ajudar na montagem da fábrica, dado ao *know-how* que este possuía e que fez com que mais tarde essa fábrica viesse a se tornar uma das usinas têxteis mais produtivas da província de São Paulo.

Finalizando, destacamos com maior ênfase a informação de que do ponto de vista das tecnologias voltadas para a agricultura, em processo de expansão no Brasil, a participação dos americanos sulistas se deu no sentido de fornecerem parte do *know-how* procurado por fazendeiros brasileiros para implementar tecnologias no campo (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 138). Não menos significativo foi o fato de o governo brasileiro acabar recrutando membros da colônia norte-americana a fim de socializar suas técnicas agrícolas (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 140). No âmbito de nossa discussão sobre o processo civilizador, a partir da presença americana na configuração brasileira, a participação desses imigrantes pode ainda ser confirmada com a seguinte afirmação:

As novidades locais – a fabrica de arados na cidade, as descaroçadoras de algodão, os vagões transportando melancias para as estações ferroviárias, o pão de milho (*cornbread*), casas com janelas de vidro e chaminés de tijolos etc – passaram a fazer parte do patrimônio regional e, assim como as heranças de imigrantes de outros países, alguns desses elementos foram incorporados à cultura brasileira (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 142).

3 A EDUCAÇÃO

Retomando o conceito de civilização em Elias (1994, p. 23), podemos também analisar a participação e as contribuições dos imi-

grantes e missionários americanos no Brasil no campo da educação, como parte do processo civilizador.

O que nos interessa tratar neste ponto baseia-se na pergunta sobre as contribuições que os americanos trouxeram para o Brasil por meio da implantação de colégios e do modelo educacional e se essas contribuições podem ser consideradas significativas do ponto de vista do “desenvolvimento dos conhecimentos”, já que Elias (1994) destaca esse fator como um componente do processo civilizador.

Em 8 de dezembro de 1871, foi fundado em Campinas o Colégio Internacional, pelos missionários presbiterianos George Nash Morton e Edward E. Lane, com apoio de algumas das famílias mais poderosas da província de São Paulo, liberais e republicanos, como por exemplo: Campos Salles, Souza Aranha, Penteadó, Caldeira, Alves Cruz (inspetor de instrução pública), Amaral, Rangel Pestana, Quirino dos Santos, Camargo, Moraes Barros, Cerqueira Leite, dentre outras (DAWSEY; DAWSEY; DAWSEY, 2005, p. 153). Esse fato que se repetiu em diversos outros casos, demonstra a boa receptividade das elites liberais, em geral maçons, à proposta educacional dos missionários.

Em 1864 chegou o reverendo George W. Chamberlain a São Paulo, vindo do Rio de Janeiro onde já havia fundado, juntamente com Simonton e Blackford, a primeira igreja Presbiteriana do Brasil, em 1862. No ano seguinte, viajou pelo interior da província distribuindo bíblias e buscando adeptos para a fé protestante. Sua esposa começou a lecionar numa classe para meninas que montou na sala de jantar de sua casa. Dessa iniciativa surgiria o Mackenzie College em São Paulo, conhecido atualmente com o nome de Instituto Presbiteriano Mackenzie, de reconhecida tradição e pioneirismo em educação.

Em Piracicaba, por meio dos irmãos Prudente⁵ e Manuel de Moraes Barros, foi criado primeiramente, por breve período, em julho de 1879, o Colégio Newman, dirigido pelas irmãs Mary e Annie Newman, filhas de um pastor metodista do assentamento de Santa Bárbara D'Oeste. Posteriormente ao fechamento desse colégio, os irmãos

⁵ Prudente de Moraes foi posteriormente o primeiro Presidente civil da República.

Moraes Barros, com apoio de metodistas americanos, intercederam à *Methodist Episcopal Church* para que enviasse uma professora para reabrir o colégio em Piracicaba. Em 1881, chegou nessa cidade o pastor James W. Kogger e Miss Martha Hite Watts, a qual inaugurou em 13 de setembro o Colégio Piracicabano, até hoje em funcionamento, e que deu origem à Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP.

A prática pedagógica dos colégios protestantes, inovadora para a época, era baseada no **método indutivo**, intuitivo ou lição das coisas. Conforme destaca Vieira (2003, p. 38),

foi o método pedagógico [...] que tinha como característica principal levar a criança ao desenvolvimento de suas faculdades mentais através da observação, a grande atração dos colégios norte-americanos. [...] Os fundamentos teóricos advinham de Horace Mann e Pestalozzi.

Era, diferentemente da educação Católica e do Estado, pautada no **método dedutivo** e na memorização (MESQUIDA, 1994, p. 48-49). Nesse sentido, a educação oriunda dos Estados Unidos caracterizava-se por fatores que a tornavam bem mais atrativa, especialmente às elites liberais, sendo que algumas razões para essa atração foram (MESQUIDA, 1994, p. 133):

- a) A localização das escolas em função da classe social a ser influenciada;
- b) A aparência estética dos edifícios, construídos com estrutura sólida e imponente, ao estilo dos casarões das fazendas do sul dos Estados Unidos;
- c) O ambiente interno das escolas com nova concepção pedagógica – ausência de estrado nas salas, aproximando alunos e o mestre, carteiras individuais, auditórios para programas coletivos, materiais didáticos, laboratórios, equipamento musical, esportes, classes mistas;
- d) O conteúdo identificado com valores liberais, da cultura e do modo de vida norte-americano.

Mesquida (1994, p. 49) destaca ainda que “era nesse novo espaço sócio-cultural atraente, sedutor, que se materializavam, pela prática educativa, a história, o modo de vida (o *american way of life*) e a concepção de mundo do país de origem dos missionários”.

A educação liberal praticada nos colégios protestantes, de forma crescente a partir das últimas décadas do século XIX, obteve guarida, apoio, facilidades, incentivo e cortesia interessada das elites liberais brasileiras, particularmente com o apoio da Maçonaria.

Por meio desses colégios, os protestantes divulgavam o seu pensamento e cosmovisão, mas também imprimiam um *modus vivendi*, baseado em hábitos, condutas sociais e valores, geralmente tematizados na perspectiva religiosa e no “modo americano de vida”, como por exemplo:

- No combate ao uso do álcool e do tabaco, bem como à prática dos jogos de azar;
- Nas regras de higiene e saúde preventiva pela prática de esportes;
- Nas regras restritivas de certos divertimentos;
- Nos modos de administrar as finanças e o patrimônio, orientado ao trabalho intenso, à poupança regular e à acumulação de capital;
- Nos modos de trajar, falar e comportar-se em público;
- Na exigência da leitura e no estímulo à inteligência (o centro do culto protestante é a palavra, o sermão).

Pode-se dizer que a opção educacional foi razoavelmente bem sucedida. Um exemplo disso são as influências dos missionários e educadores metodistas nos projetos das reformas da educação:

- 1) na “**Reforma Rui Barbosa**” (1880), baseada nas observações do parlamentar à prática educativa do Colégio Progresso, no Rio de Janeiro, à época administrado por Kennedy e Tarboux, missionários metodistas;
- 2) em São Paulo, na “**Reforma da Instrução Pública e da Escola Normal**”, por Caetano de Campos, com participação de

Miss Martha Watts e das presbiterianas do Colégio Americano, Miss Márcia P. Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, conforme Vieira (2003, p. 40) tem apontado;

3) em Minas Gerais, na “**Reforma do Ensino**” de 1926, por Francisco Campos, baseada no escolanovismo, nas teorias de John Dewey e no otimismo pedagógico (essa reforma introduziu materiais didáticos importados dos Estados Unidos que já eram utilizados no Instituto Granbery, tradicional colégio metodista de Juiz de Fora, bem como copiou as medidas das carteiras do Granbery, que eram baseadas nos modelos norte-americanos) (MESQUIDA, 1993, p. 48).

Pelas informações já registradas, quer pelo viés da tecnologia, quer pela educação, mais uma vez corrobora-se a nossa hipótese de que os imigrantes e missionários americanos provocaram um processo civilizador na configuração brasileira da época.

4 A RELIGIÃO

Um último ponto que vamos analisar é a influência do modelo religioso protestante que foi implantado no Brasil, na segunda metade do século XIX, sobretudo pela ação dos missionários americanos, mas também, em especial na província de São Paulo, por influência dos imigrantes que trouxeram com eles as suas denominações religiosas.

Apesar de minoritários, a chegada cada vez mais intensa dos protestantes no Brasil causou impacto na sociedade brasileira da época. Ao menos no que se refere à alternativa que se criava diante da hegemonia Católica Romana, tanto no campo da religião quanto da educação.

Os protestantes de missão⁶, sobretudo de origem americana, que se instalaram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, tinham a clara intenção de ganhar espaço, fazer prosélitos e defini-

⁶ Nos estudos sobre protestantismo no Brasil utiliza-se uma tipologia que subdivide o campo em dois grandes grupos: “protestantes de imigração” (os luteranos oriundos da Alemanha, o grupo mais representativo) e “protestantes de missão” (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.), que vieram com o objetivo de implantar suas respectivas igrejas e escolas.

tivamente influenciar a sociedade. Vieram imbuídos de um projeto evangelizador, expansionista e civilizador. Há também indícios que nos levam a considerar que o projeto missionário guardava relação com a ideologia expansionista norte-americana do “Destino Manifesto”⁷ e carregava, subjacente à pregação religiosa e ao ensino secular, os traços culturais do *american way of life* (MENDONÇA, 1984, p. 95; BONINO, 1995, p. 11-25).

Conforme Elias (1994, p. 23), o “conceito de civilização expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo” e como “se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas mais primitivas”. Além disso, “o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores”.

Nessa direção, Mendonça (1984, p. 43) destaca que “o protestantismo americano é um *protestantismo de povoamento*, isto é, ele se foi formando à medida que protestantes europeus passavam para as possessões inglesas à busca de novas condições de vida”. Este protestantismo de povoamento que deu origem, ou, que teve origem na ideologia expansionista do “Destino Manifesto”, foi o mesmo que chegou ao Brasil do século XIX, por meio dos imigrantes e dos missionários.

A eleição divina e a conquista são caracteres impressos na *alma* do povo norte-americano desde muito tempo. São o que Reily (1984, p. 19) chamou de “autoimagem religiosa do povo americano”, ao que acrescentamos, autoimagem religiosa e geopolítica. Assim descreve esse autor o que podemos chamar de surgimento da “religião civil americana” (1984, p. 19):

Como Deus, por Moisés, libertou os israelitas da escravidão no Egito, pela travessia maravilhosa do Mar Vermelho, os puritanos se libertaram da opressão dos soberanos ingleses Tiago I e Carlos I, atravessando o Atlântico no pequeno navio *Mayflo-*

⁷ O expansionismo interno do século XIX e o processo de povoamento do oeste tiveram por fundamento as ideias conhecidas como “Destino Manifesto”. Enraizado no senso comum e na religião, o “Destino Manifesto” resumiu o sonho expansionista de estender o princípio da União até o Pacífico, por meio da ocupação de todo o continente.

wer. Deus estabelecera seu pacto com o povo líbeto, no Sinai; paralelamente, os puritanos, antes de pôr os pés em terra seca na América, firmaram o *Mayflower Pact*. Explicitaram que haviam encetado sua viagem de colonização ‘*para a glória de Deus, avanço da fé cristã e honra do nosso rei e país... solene e mutuamente, na presença de Deus, e cada um na presença dos demais, compactuamos e nos combinamos em um corpo político civil*’. Finalmente, como Josué havia conquistado a terra da promessa, os americanos vieram como seu “destino manifesto” conquistar o continente de oceano a oceano, espalhando os benefícios de uma civilização republicana e protestante por toda a parte.

Essa convicção de ser “povo escolhido por Deus”, o qual tem sobre seus ombros a tarefa de alcançar as “nações pagãs” com a sua ética, fé, cultura e civilização, como expressam em geral as poesias dos hinos protestantes tradicionais, foi um fator de considerável força propulsora para o projeto missionário encetado pelos americanos no Brasil e demais países onde aportaram. De acordo com Mendonça (1984, p. 57):

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano com sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu caminho para o seu expansionismo político e econômico. No caso do Brasil, se no campo religioso seu sucesso foi quase nulo, na educação e na cultura geral, para não dizer no político e econômico, a influência americana não pode deixar de ser sentida [...].

A religião americana trazia uma alternativa para o que os missionários consideravam “insensatez, miséria religiosa e cultural, ausência das artes e da ciência, obscuridade e ignorância”, na interpretação do povo brasileiro, seus costumes e cultura local. Obviamente na visão deles, sua própria religião e “cultura superior” ofereciam exatamente o contrário, por isso podiam ser considerados “avançados” e aptos

para civilizar o povo destas terras. Não cabe aqui qualquer juízo de valor a essa postura, mas simplesmente a constatação, a qual deve ser mais bem estudada e adensada por exemplos tomados de recorte temporal mais amplo. De acordo com Elias (1994, p. 62), “duas idéias se fundem no conceito de civilização. Por um lado, ela constitui um contraconceito geral a outro estágio de sociedade, a barbárie”.

Os indícios que apontamos já indicam a existência dessa “autoimagem do povo americano”, que pode ter suas raízes na ideia anglo-saxônica de civilização, herdada pelos colonizadores da América do Norte. De acordo com Elias (1994, p. 23-24), o conceito de civilização para os ingleses e franceses “resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade”. Isso aponta para a hipótese de que os missionários protestantes americanos e mesmo os imigrantes eram portadores de uma postura e convicção de superioridade religiosa, moral e cultural, que pode ser deliberadamente estratégica ou o reflexo de sua constituição cultural como nação. De qualquer modo, essa postura ideológica teve profundo impacto na formação do protestantismo no Brasil e repercutiu por meio da educação, até mesmo depois de ter sido confrontada pelas ideologias nacionalistas, que redundaram nos processos de autonomia das missões e no conseqüente surgimento das Igrejas nacionais, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX.

Finalizando, fica evidenciado que a religião protestante implantada no Brasil a partir da segunda metade do século XIX cumpriu um papel civilizatório, na medida em que ofereceu uma alternativa ao status quo religioso, até então absoluto de vertente Católica Romana e, além disso, representou um acesso ao que era considerado, não só pelos protestantes, mas pelas próprias elites liberais brasileiras, um avanço à modernidade em termos educacionais, morais e de costumes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os estudos referentes à presença dos americanos no Brasil. Clássicos da história do protestantismo como “O celeste porvir

– a inserção do protestantismo no Brasil” (1982), de Antônio de Gouvêa Mendonça, a “História documental do protestantismo no Brasil” (1984), de Duncan Alexander Reily, a “Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil” (1994), de Peri Mesquida, e mais recentemente a publicação de “*Americans*, imigrantes do velho sul no Brasil” (2005), dos irmãos Dawsey, John (da USP), Cyrus (da Auburn University) e James (da Emory and Henry College), todos experientes pesquisadores sobre a imigração americana no Brasil. Além desses trabalhos que citamos, uma série de outros mais antigos, tanto na linha de análise da imigração e, sobretudo, do protestantismo de missão no Brasil, bem como inúmeros artigos científicos em renomados periódicos, no Brasil e exterior, monografias, dissertações e teses, concluídas ou em andamento, são demonstrativos claros em primeiro lugar do interesse acadêmico pelos temas e que vêm construindo uma linha de pesquisa, sobretudo na historiografia, a respeito da indelével marca que essa cultura legou à configuração brasileira.

Por este indicativo e também pelos que foram explorados no texto que apresentamos, ficamos com a sensação de tranquilidade ao afirmar que é plenamente possível dizer que a presença americana no Brasil, seja pela presença de imigrantes e também de religiosos, representou um processo civilizatório.

Se as tecnologias trazidas pelos americanos e também o *know-how* referente às técnicas agrícolas foram tão significativos a ponto de o governo brasileiro acabar recrutando membros da colônia norte-americana a fim de socializar suas técnicas agrícolas, se os colégios americanos se tornaram atrativos, sobretudo pelas elites liberais do Brasil e também pela força do *modus vivendi* protestante impresso no imaginário popular brasileiro, determinando papéis e comportamentos até hoje, logo somos naturalmente levados a aceitar, juntamente com os pesquisadores do protestantismo brasileiro em geral, que o protestantismo “constituía um ‘modo de vida’ e aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudança de padrões de cultura” (MENDONÇA, 1984, p. 94).

É muito provável que não seja conveniente fazer uma analogia tão precisa e direta entre esse *modus vivendi* proposto pelos missionários

protestantes, o qual envolvia um certo nível de “etiquetas”, e o modo de vida da “sociedade de corte” estudada por Elias. Contudo, se naquela “sociedade de corte” era necessário o cultivo de determinadas)etiquetas para que alguém fosse considerado “civilizado” e, portanto, pudesse acessá-la, para a tão sonhada “civilização cristã” (MENDONÇA, 1984, p. 101) as condições objetivas de sua realização envolviam a vivência de comportamentos, como os citados anteriormente, que, para os missionários, deveriam ser transmitidos por meio da escola e da igreja.

REFERÊNCIAS

BONINO, José Míguez. **Rostros del protestantismo latinoamericano**. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.

DAWSEY, John C.; DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY James M. (Orgs.). **Americans, imigrantes do velho sul no Brasil**. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: A história dos costumes**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

_____ ; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo, SP: Paulinas, 1984.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO; Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 1994.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo, SP: ASTE, 1984.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Política e educação na primeira República: influências, utopias e ideologias liberais norte americanas na Reforma da Instrução Pública Paulista de 1890. In: SIMPÓSIO DE DISSERTAÇÕES E TESES, 3, 2003. **Anais...** Piracicaba, SP: PPGE/UNIMEP, 2003. p. 37-41.

Recebido em: 02 Julho 2009

Aceito em: 04 Novembro 2009